

**Percepção do lugar:
o modo relacional entre arte, artistas, público e espaço urbano**

*Perception of place:
the relational mode between art, artists, public and urban space*

Camila Geracelly Xavier Rodrigues dos SANTOS¹

Resumo

O artigo trata das relações sugeridas pela arte contemporânea no espaço das cidades, sua produção e percepção como modo de resignificação do lugar, da participação do espectador como integrante da obra e do artista como agente político de transformação pública. Para tanto, investigamos como a experiência da arte pode trazer a fruição e a mudança de olhar sobre o espaço urbano, através da apresentação de alguns exemplos de micro práticas espaciais da arte, site-especificity e suas definições.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Micro práticas. Micropolíticas. Espaço e lugar.

Abstract

The article deals with the relationships suggested by contemporary art in the space of cities, their production and perception as reframing so the place, the participation of the viewer as part of the work and the artist as a political agent of public transformation. To this end, investigate how art experience can bring to fruition and look at changing urban space, by presenting some examples of micro spatial art practices, site-especificity and their definitions.

Keywords: Contemporary art. Micro-practices. Micropolitics. Space and place.

Introdução

O artigo “Percepção do Lugar: O modo relacional entre arte, público e espaço urbano”, foi elaborado para elucidar, ou mesmo ampliar questões pertinentes nas artes

¹ Mestre em Estudos Artísticos – Teoria e Crítica de Arte, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal. E-mail: camila.geracelly@gmail.com

contemporâneas como micro práticas de ação, micro políticas de ação, arte pública, arte no espaço público e sua interação com o espectador.

Procuramos evidenciar como, no campo da experiência, a arte no espaço público interfere no processo de percepção do lugar, e como a experiência da arte pode trazer a fruição da cidade.

O objetivo central da pesquisa foi investigar sob a ótica da fenomenologia da percepção, a interação e a percepção do lugar através das relações sensoriais sugeridas pela arte contemporânea no espaço urbano, bem como as relações entre “artista – obra – lugar – público – lugar – obra – artista”.

Para tanto, observamos como as práticas da arte urbana se relacionam com o lugar e o público, a interação do público com as obras de arte nos espaços das cidades, as sensações provocadas pelas artes nas ruas e as práticas artísticas contemporâneas como forma de ressignificação do espaço, sugerindo o estudo das práticas realizadas fora das instituições regulares de arte.

Como metodologia aplicada à pesquisa, foi utilizada uma abordagem qualitativa considerando a relação dinâmica entre o objeto de estudo “o lugar” e a sua relação com o sujeito, seja ele o artista, ou o espectador.

Objetivou ser um estudo explicativo na busca de identificar os fatores que interferem ou contribuem nas formas de produção, percepção e recepção da arte no espaço público e foi realizado através de levantamento bibliográfico, estudo de três casos, entrevistas e observação.

A conclusão revela uma análise de dados intuitiva na qual tivemos como foco a abordagem dos processos da arte como influenciadora da mudança do “olhar a cidade” pelo público.

1 Percepção do lugar: o modo relacional entre arte, artistas, público e espaço urbano

2.1 Apresentação

Na contemporaneidade, artistas com diferentes práticas, individual ou coletivamente, desenvolvem projetos que exploram as relações entre espaços físicos e

espaços discursivos com a intenção de provocar reflexões quanto à arte, suas formas de expressão, seus espaços de atuação e sua relação de interdependência com o público.

Com foco nas artes e intervenções urbanas a proposta desse artigo é lançar um olhar sobre a superfície homogênea à percepção que é o ambiente urbano, identificando as relações de produção, recepção e percepção da arte no espaço público e como esta propõe uma ressignificação do lugar.

Louis Kahn no ensaio *The room, the street and human agreement*, 1971, (KAHN *apud* PINHEIRO, 2009, p.35,) escreve que “A rua é uma sala por acordo mútuo. Uma sala/ comunitária cujas paredes pertencem aos doadores/ O seu teto é o céu”.

Essa metáfora de representação do espaço propõe investigar o lugar em dois contextos, o primeiro é o espelho social, da experiência do individual – o que é familiar. O segundo é a percepção desse espaço através dos acontecimentos ocorridos nele, o que é habitual e o que costumamos fazer nesses espaços.

No campo das atividades artísticas, quando realizadas nessa “sala”, observamos que a relação entre acontecimento e espaço é sempre percebida de forma violenta, que chega a ameaçar a integridade emocional e/ou física do espectador/andante, pois provoca uma intromissão dentro desse espaço familiar, modificando a percepção.

Os artistas distorcem o tecido performativo do espaço urbano, alterando sua percepção através da transferência entre ações de lugares performativos distintos. Uma ação adota padrões de outra ação, interrompendo o fluxo da vida cotidiana, criando diferentes possibilidades de interação. Provocam processos de experiência sensível do mundo através de atos performativos.

Sobre essa experiência do “sensível” no mundo, Maurice Merleau-Ponty, no livro *Fenomenologia da Percepção*, discorre que “o visível é o que se apreende pelos sentidos” (2006, p.28), é apreendido; e “o sensível é aquilo que se apreende com os sentidos” (2006, p. 32) é percebido. Ao contrário das sensações provocadas diretamente pelos estímulos exteriores captados pelos sentidos, o sensível é uma experiência, um processo vital, não é um efeito imediato de apreensão, “perceber é recordar-se”. (2006, p. 32).

As distorções criam um espaço de inadequação entre o que esperamos e o que percebemos, causam uma interrupção das expectativas geradas por um contexto, desfamiliarizando a relação entre o sujeito e o espaço onde elas acontecem. Elas criam

um conflito semântico entre evento e contexto, é o fundamento dos processos metafóricos através dos quais percebemos, experimentamos e representamos os espaços.

(...) a percepção do espaço é uma percepção integradora dos diferentes inputs, sensoriais para além da visão, da cinestesia e da audição, a experiência perceptiva do espaço envolve também o olfato, que nos indica determinadas localizações e direções, o tato, que intervém na sensação visual da textura e nos ajuda a identificar onde estamos, bem como processos cognitivos mnésicos. (PINHEIRO 2005, p.62).

O observador é também um lugar que contata com fronteiras, com outros lugares e outras situações, num espaço que está equilibrado e sistematicamente a mudar. E dentro desse espaço constante de mudanças a arte no espaço público dialoga com esse observador/ público e procura penetrar em suas fronteiras, alargando-as a partir da deformação dos contextos já experimentados, tirando-os do “lugar comum”. O observador/ público é o campo/ lugar/ site onde a experiência se traduz, é elemento fundamental para a arte pois, como ressalta Merleau-Ponty,

A coisa e o mundo só existem vividos por mim ou por sujeitos tais como eu, já que eles são o encadeamento de nossas perspectivas, mas transcendem todas as perspectivas porque esse encadeamento é temporal e inacabado. Parece-me que o mundo se vive a si mesmo fora de mim, assim como as paisagens ausentes continuam a viver para além do meu campo visual, e assim como outrora o meu passado se viveu para aquém do meu presente. (2006, p.47 e 48).

As novas possibilidades oferecidas pela arte são fundamentais para a percepção do lugar. Elas criam espaços simbólicos a medida que reforçam o sistema de relações entre o homem e a natureza, o seu lugar, lugar este ocultado pela correria quotidiana. Ela propõe o esvaziamento da referência, em se tratando de lugar, do ponto de referência, criando novas referências.

Entender o lugar deste modo é a todo o momento perceber, no lugar, o caráter entrópico e transitório da matéria, do tempo e do espaço. Qualquer alteração natural ou artificial no ambiente (na paisagem) significa criar novas relações nos seus elementos estruturais.

2.2 Arte e espaço público

A arte no espaço público é uma provocação, pretensa, longe de ser uma prática gratuita, é pensada para estabelecer essa nova ordem. São modalidades de práticas críticas e performativas, que utilizam recursos antagônicos e diferentes tipos de conhecimentos que podem ser acadêmicos ou práticos, integrando o discursivo e o não discursivo, o autoral e o apropriado, o performativo e o tectônico, o artesanal e o industrial, o culto e o popular. O produto muitas vezes apresenta dimensões extra-artistísticas com definição imprecisa que fogem à catalogação e à previsibilidade.

São exemplos de intervenções em arte urbana as “micro práticas espaciais” produções artísticas que experimentam, condensando e expandindo, a noção de projeto, espaço e ação. Além da condição de experimentação do espaço, também envolve ações em escalas modestas, reduzidas, com a utilização de poucos recursos, situadas, pensadas para um determinado lugar, operando no sentido de uma atividade espacial. Segundo a pesquisadora Inês Moreira no catálogo “Devir Menor”,

A ideia de micro prática refere-se à multiplicidade de micro processos activados pelo projecto (da encomenda, à resposta, à recepção, à interpretação) bem como aos processos de produção do objecto/espaço projectado e praticado (quase sempre invisíveis no “objecto” produzido). Operam a uma pequena escala, contudo, a ideia de “micro” remete especialmente para a micro política intrusiva com que estas práticas com pequena escala física (e com poucos recursos) podem induzir e potencialmente despoletar transformações extraartísticas. (MOREIRA, Catálogo Digital “Devir Menor”)

É uma prática discursiva, que, apesar de realizada em escala reduzida, apresenta um forte valor simbólico, provocando o debate sobre situações e conjunturas diversas.

2.3 Exemplos de micro práticas espaciais

Um exemplo de “micro prática espacial” é a ação do projeto “Serviços Gerais” realizado desde 2011 pelos artistas plásticos paulistanos Rodrigo Machado, Felipe Machado e Gustavo McNair que consertam aos poucos a cidade de São Paulo, realizando pequenos reparos em espaços públicos como calçadas, grades, jardins, entre

outros, que registram através de vídeos. Segundo Rodrigo o projeto surgiu para trazer “alguma reflexão das pessoas para a relação delas com a cidade”, juntaram, assim a capacidade de Rodrigo de lidar com tipos diferentes de materiais e ferramentas, e a vontade do trio de registrar a cidade e a necessidade de fazer algo por ela. A primeira ação do grupo foi o conserto de uma grade no Metro Ana Rosa. Rodrigo avalia:

Nosso trabalho traz vários questionamentos, tanto sociais como políticos. Queremos um momento das pessoas para repensar sobre sua relação com o espaço público por meio destes pequenos reparos. Isso poderia promover uma verdadeira transformação social².

Até hoje, foram feitas 33 intervenções, todas em São Paulo. A de maior visualização foi a que o grupo colava pastilhas que faltavam no calçamento do Viaduto Santa Ifigênia como mostra a figura 01. Rodrigo diz que até essa intervenção ninguém se dispôs a ajudar, mas que um grupo procurou policiais para dizer que o pessoal dos Serviços Gerais estava quebrando o piso. “Mostramos que estávamos consertando e eles se foram”, conta.



Figura 01.

Fonte: <https://servicosgerais.tumblr.com/>

Outro artista pesquisado foi o artista visual e músico paraibano João Cassiano – Cassicobra, que com seu projeto “Arte Vagal” interfere no lixo visual da cidade, promovido pela afixação indiscriminada de propagandas em postes, muros, latas de

² Entrevista concedida ao site QSocial em 01/10/2014, acessado em 14/10/2014 no endereço eletrônico: <http://qsocial.com.br/grupo-conserta-calcadas-e-placas-em-sao-paulo/>

lixo, entre outros. Segundo o artista, sua relação com a cidade é uma espécie de diálogo, ele sente como se a cidade “falasse” com ele, e ele responde interferindo em sua paisagem, e diz que “apesar de considerar meus trabalhos como arte urbana através de interferência na paisagem da cidade, me considero a margem dessa classificação, pois quase sempre dialogo com os materiais, sujeira e interferência já existentes... Seja um pixo, um cartaz ,uma placa”². O material desenvolvido é, aqui, pensado sem um local definido, mas ao caminhar pela cidade, ela o chama a interferir, como nas figuras 02 e 03:



Figura 02.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/cassicobra>



Figura 03.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/cassicobra>

São micro ações que se caracterizam pelo posicionamento, seja político, crítico ou cívico. Problematizam uma ideia e são criações espaciais de apropriação e utilização do espaço.

Outro exemplo são as performances, que também estão presentes nas “micro práticas espaciais”, mas apresentam particularidades. Elas são propostas temporais exercidas na dimensão tempo/espaço, acontecem estabelecendo contradições através da imprevisibilidade e expandem a noção de arte. É uma forma de arte pública que evidencia a fluidez no lugar, com forte tônica processual, onde o processo tem mais importância que o resultado como exemplo os “Objetos Relacionais” da artista plástica Lygia Clark, onde a obra era o ato e não seu resultado.

O site-specificity é outra prática da arte contemporânea no espaço público. O termo é utilizado para definir os projetos artísticos que tem na sua localização o ponto de partida para o desenvolvimento da obra. É um desmembramento do termo site-specific do minimalismo dos anos 60. No livro Curadoria do Local, Gabriela Pinheiro ressalta que,

Pela primeira vez depois da era modernista, a obra era mais do que uma entidade flutuante no mundo, era mais do que um olhar contingente para dentro da consciência de um artista. As obras de arte passaram a contribuir para uma mais lata forma de consciência ao trazerem consigo o observador e ao enraizarem-se no sítios em que, de forma assertiva, se tornavam presentes. (PINHEIRO, 2005, p. 68)

Hoje o trabalho artístico (arte para espaço público) é produzido a partir dos lugares. As obras são elaboradas à imagem do observador quanto sujeito múltiplo e lugar sensível por excelência, bem como à imagem do lugar quanto espaço físico. Portanto, nesses projetos artísticos identificamos a influência múltipla entre sujeitos e site, e os espaços como extensão do indivíduo. As obras reinventam as funções dos lugares. Em entrevista com o artista urbano Ricardo Tatoo ele diz,

O meu trabalho de arte urbana, consiste em estabelecer uma conexão lúdica entre os pontos de partida e chegada no trajeto do cidadão e seu trânsito pelas cidades. Preenchendo com cores, mensagens e imagens o vácuo que existe entre esses pontos, a cidade se torna uma grande galeria a céu aberto. Com a ideia de aproveitar minha vocação como artista urbano e diretor de arte, o uso da arte de propagação (cartazes lambe-lambe, camisetas e graffiti) se torna um instrumento de transformação social e reflexão sobre questões cotidianas e lúdicas (figura 04), como o infinito, o cuidado com o meio ambiente, seja urbano ou natureza, a valorização do cidadão comum como ser pensante e uma visão mais saudável em meio ao cinza e o caos das cidades e as pressões do novo milênio³.

³ Entrevista concedida pelo artista Ricardo Tatoo a autora, sobre seu trabalho como artista urbano em 17/09/2014.



Figura 04.
Foto do arquivo pessoal do Artista.

O site-specificity é um conceito fundamental da arte para o espaço público, pois se coloca como um elemento de comunicação onde o campo da arte se envolve com a noção coletiva de espaço público, redefinindo e interpretando a noção de espaço em conjunto com a comunidade.

No entanto, explorar a relação entre arte e meio urbano é estabelecer vínculos entre elementos contraditórios pois, a arte é uma expressão global, enquanto o meio urbano é local. Porém, pelo próprio caráter transgressor da arte contemporânea, encontramos a experimentação como campo onde toda a prática se torna possível.

Portanto, a investigação acerca dos assuntos discorridos se faz pertinente na medida em que alarga o conhecimento sobre práticas artísticas diversas que tem como ponto fundamental o diálogo com o espaço público e a sociedade.

Conclusão

O estudo mostrou algumas das práticas artísticas contemporâneas que ultrapassam os limites da arte ao despertar a consciência para a interação entre público e espaço como lugar de criação e fruição artística.

Enfatizando o modo relacional da arte no espaço urbano, apresentamos exemplos de micro práticas artísticas como micro políticas de ação que proporcionam ao público, voluntária ou involuntariamente interagir com seus espaços em constantes mudanças de referencialidades provocadas pelas artes públicas.

A percepção do lugar como a consciência é modificada, o olhar se transforma, bem como a interação com a cidade, muitos relatam transformações positivas em relação à apreciação e à consciência sobre a cidade despertada a partir da experiência artística.

Através da fenomenologia da percepção, pudemos observar interação e a percepção do lugar através das relações sensoriais sugeridas pela arte contemporânea, em relação ao “artista – obra – lugar – público – lugar – obra – artista”.

Portanto, como artigo, concluímos que a arte, fora dos espaços oficiais, tem sua força ampliada no que tange a transformação social que provoca. Essa transformação é inevitável, pois é uma arte que não oferece escolha, a partir do momento que é apresentada em espaços públicos atinge todos os transeuntes. No entanto, a interação é singular, pois o público interage em maior ou menor grau de sensibilidade com a obra, uns são tocados positivamente, outros negativamente, mas ninguém passa sem se contagiar por ela.

No tocante ao público, todas as suas experiências pessoais interferem na recepção da obra. Já para os artistas, eles se mostram como ativistas, como instrumentos de transformação, seus trabalhos chamam a atenção para as necessidades dos espaços e do público, transformam ao transformarem, significam ao ressignificarem, despertam ao revelar sensibilidades ocultas pelo dia-a-dia das cidades e centros urbanos.

Referências

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Tradução de Álvaro Cabral. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Pt.B

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOREIRA, Inês. Catálogo Digital **Devir menor, arquiteturas e práticas críticas**. Acessado

em http://www.academia.edu/4676413/Devir_Menor_arquitECTuras_e_pr%C3%A1ticas_espaciais_cr%C3%ADticas_na_Iberoamerica, na data: 25/04/2014.

PINHEIRO, Gabriela V. **Curadoria do local, algumas abordagens da prática e da crítica**. Torre Vedras [PT]. ArtInSite Ed., 2005.

_____. **Curadoria do urbano, abordagens e práticas**. Porto [PT]. Editora FBAUP, 2009.

FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE. **Diálogos entre arte e público**. Recife, 2008.

INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. **Do conceitual à arte contemporânea**. Introdução de Frederico Morais. Instituto Cultural Itaú. Nº 6. São Paulo: ICI, 1994. Cadernos história da pintura no Brasil.

KRAUSS, Rosalind. **Sculpture in the expanded field**, October nº8, 1979. A escultura no campo ampliado. Reedição da tradução publicada no Gávea nº1, revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, da PUC-Rio, em 1984 (129-137). Pt.B

Documentos consultados

Pequenos Reparos – Matéria acedida em: <http://qsocial.com.br/grupo-conserta-calcadas-e-placas-em-sao-paulo>/na data: 14/10/2014.